

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

ROBERTO SIMANOWSKI

Metáforas do digital

Tradução Mariana Simoni

ZAZIE  EDIÇÕES

Metáforas do digital

2021 © Roberto Simanowski

COLEÇÃO

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

TÍTULOS ORIGINAIS

Digitale Madeleine, Schicksalsjahr 1984 e Nerd-Attack

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Laura Erber

EDITORAS

Laura Erber e Luciana Gattass

PREPARAÇÃO

Angela Vianna

REVISÃO DE TEXTO

Cecilia Andreo

DESIGN GRÁFICO

Maria Cristaldi

Bibliotek.dk

Dansk bogfortegnelse-Dinamarca

ISBN 978-87-93530-94-2

Os três ensaios que compõem este volume foram originalmente publicados em *Abfall: Das alternative ABC der neuen Medien*. Berlim: Matthes & Seitz, 2017.

Agradecemos ao autor e aos editores pela cessão dos direitos de publicação.

Zazie Edições

Copenhague / Rio de Janeiro

www.zazie.com.br

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

ROBERTO SIMANOWSKI

Metáforas do digital

Tradução Mariana Simoni

ZAZIE EDIÇÕES

Apresentação
Estudos da mídia como metáfora

Em “O ensaio como forma”,¹ o filósofo alemão Theodor W. Adorno escreve que, no ensaio, o pensador se torna um “palco de experiência intelectual sem desemaranhá-la”; o ensaio como forma “prosegue, por assim dizer, metodicamente sem método”; ele não é um adiantamento sobre futuras sínteses, ao contrário, “devora as teorias que lhe são próximas”; hesita em ir direto ao ponto e, quando o faz, certamente não parte de uma perspectiva firme, mas tende sempre a “liquidar a opinião, incluindo aquela que toma como ponto de partida”. Adorno estava ciente de que, particularmente na Alemanha, essa forma viria a provocar resistência, por ser remanescente da “liberdade de espírito” não subordinada às autoridades da ciência estabelecida e perfeitamente organizada – o

¹ Theodor W. Adorno. “O ensaio como forma”. In: Theodor W. Adorno. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. Coleção Espírito Crítico, p. 15-45.

que Michel Foucault chamaria mais tarde de polícia do discurso. “O ensaio é a forma da categoria crítica de nosso espírito”, diz Adorno, citando Max Bense,² porque ser crítico significa tornar as coisas visíveis de uma forma nova e diferente.

Este texto compromete-se com a forma do ensaio. Seu objetivo é ouvir a lógica paradoxal dos fenômenos – mais ou menos estabelecidos – do nosso mundo cotidiano digital e expor suas conexões secretas e consequências ocultas. Os textos aqui reunidos resistem ao “feitiço dos começos”, revirando seu objeto uma e outra vez, caminhando à sua volta como se ele fosse uma escultura, observando-o de vários ângulos e, como que num gracejo, estabelecendo acoplamentos inesperados. Eles são faróis que iluminam as coisas por um momento: apoderando-se até do que mal pode ser compreendido. O resultado são ensaios que, de maneira temerária ou até tola, tentam sondar a riqueza de associações dos tópicos que abordam. Ensaaios que se dedicam à complexidade de questões aparentemente simples e buscam fomentar a legibilidade da revolução digital em curso.

Roberto Simanowski, 2021

² Max Bense. “Über den Essay und seine Prosa” [Sobre o ensaio e sua prosa]. *Merkur*, n. 1, cad. 3, mar. 1947, p. 418.

Madeleine digital

Quando há muitos anos um amigo que tem andado sumido me presenteou com um livro repleto de perguntas hipotéticas, coloquei-as imediatamente em prática, lançando-as de volta para ele: se você pudesse receber o telegrama de uma pessoa histórica, quem seria e o que estaria escrito no telegrama? A resposta dele: Rainer Maria Rilke convidando-me para um jantar no Castelo de Duíno. Desde então me lembro desse amigo sempre que penso em Rilke. Eu o vejo caminhando com Rilke até o golfo de Trieste, falando sobre a solidão dos amantes; reconheço-o nas palavras que ponho em sua boca e também na de Rilke.

Pela resposta dada à minha pergunta naquele dia agora distante, Rilke tornou-se a madeleine que vem me lembrar de modo certo o amigo. A madeleine de Marcel Proust – que junto com o chá evoca involuntariamente vivências da infância do narrador em primeira pessoa no romance *Em busca do tempo perdido* – é o contraste antiquado dos moderníssimos

geradores automáticos de lembranças das mídias sociais. Enquanto a madeleine efetua a recordação literalmente no interior do sujeito, nas mídias sociais esta é tão impessoal quanto a memória de que se alimenta.

Historicização selvagem

O dispositivo mnemônico do Facebook “Neste dia” lembra o que se postou exatamente naquele dia X anos atrás. Para compensar um rendimento demasiado pobre, são exibidos também os posts de outros que nos citam nominalmente. O aplicativo Timehop opera de modo semelhante, rerepresentando durante 24 horas antigos posts e fotos dos usuários de diferentes fontes (Facebook, Twitter, Dropbox). Uma vez que as redes sociais transformaram a esfera pública em espaço privado, nada mais lógico que transferir com tais aplicativos o conhecido conceito da televisão, “Hoje na história”, para a vida individual. A diferença decisiva: enquanto na televisão uma notícia digna de memória é coberta pela garantia de sua transmissão há dez, vinte ou seja lá quantos anos, agora ela é reafirmada apenas em razão de sua prescrição.

Essa memória imposta diferencia-se em princípio da memória involuntária desencadeada em Proust pela madeleine. Ainda que também ali o motivo seja exterior, ele apenas ativa um link, já existente no inconsciente daquele que se recorda, e que o torna significativo para ele. Se não fosse assim, a madeleine

continuará a ser um bolinho francês consumido sem o sentimento de ter produzido naquele momento a oportunidade de recordar. Mas é justamente a opção por sua insignificância que não existe no Timehop e no Facebook. Aqui a motivação para recordar corresponde à obrigação de recordar, transformando o não recordado em déficit.

No entanto, esse déficit é menos culpa do sujeito que da tecnologia arquivística automatizada que precede a intenção de recordar: se fotos, comentários, atualizações de status mais ou menos automaticamente ou sem nossa intervenção (quando outros mencionam nossos nomes em seus posts) entram em nossa página do Facebook, não surpreende que mais tarde eles deixem de ser acessíveis na memória.

A lógica que rege a lembrança do aniversário é uma tentativa de trocar seis por meia dúzia. De fato, ela é também uma forma convencional da comemoração individual, nesta baseada, entretanto, na suposição de sua indubitável importância social: aniversário, formatura, casamento... Entretanto, com a instituição da lógica dos aniversários no Timehop e no Facebook, as coisas se tornam importantes sem terem comprovado sua importância, tal como a gigantesca taça de sorvete no shopping center X, cuja foto se postava apressada e rotineiramente na timeline, com o pensamento já no creme chantilly. Agora a imagem está novamente presente, como heroína daquela experiência vivida há exatos cinco anos, como símbolo de uma vida passada.

A foto da ida às compras sobrevive na memória, mesmo sem recursos técnicos, acentuada pela recente retomada.³ O aviso automatizado de um aniversário multiplica o automatismo que antes determinara a aparição do post. Essa modalidade do recordar é o fim do esquecer como pressuposto de qualquer recordação razoável, e desvaloriza, assim, a força emocional do recordado. A memória se transforma, de sismógrafo da própria vida, em artefato das tecnologias digitais.

O aspecto grupal dessa fraude da recordação reside na resposta dos amigos do Facebook, cujos curtir, compartilhar e comentar ajudam a configurar o conteúdo da página do próprio Facebook. Eles são os coautores da minha autorrepresentação, que já antes tinham celebrado a minha taça de sorvete com centenas de curtidas – porque, afinal, quem não gostaria de comê-la ou, pelo menos, de pretender comê-la? Toda essa “importância” é reafirmada se a taça de sorvete surge novamente e recebe a mesma atenção de três anos atrás. O que antes já tivera importância, restaurado na memória pelo software e valorizado pelas curtidas dos amigos, passa a determinar daqui em diante o meu olhar sobre a própria história.

³ A palavra *Wiederholung* pode ser traduzida, em seu sentido mais usual, como “repetição”. Ao optar por usá-la separando com hífen as partes (*Wieder-Holung*), o autor sinaliza também seu sentido literal, de “pegar algo de novo”, “re-tomar”. [N. T.]

Se for verdade que reconhecemos os mortos naquilo que eles consideraram importante, nossos descendentes ficarão bastante espantados ao encontrar entre nossas heranças digitais, antes de qualquer outro objeto guardado, a imagem de uma taça de sorvete de morango com calda de chocolate e creme chantilly. As mídias digitais – que, como primeiras grandes advogadas do cotidiano, tornou visível e recordável também o banal – impõem a lógica da fotografia agora às próprias fotos: a foto insignificante da ida às compras tem a mesma chance de entrar para o círculo mais restrito da lembrança que a foto da cerimônia de casamento. A memória digital é tão cega quanto a justiça.

Deslembraamentos técnicos

A capacidade ampliada dos algoritmos, por outro lado, tornou a recordação digital igualmente mais significativa. Imaginemos um aplicativo que, em lugar de operar segundo a lógica do aniversário, opere de acordo com a nossa situação atual. Assim como o objetivo do Google para o futuro não se limita a nos dizer a próxima coisa que devemos fazer (por exemplo, algo que não fazemos há um ano), mas também a próxima coisa que nós (sem ao menos o saber) *queremos* fazer, o aplicativo também nos induziria a recordar aquilo que, em seus cálculos, ocorreria em determinado momento do tempo.

Como tratei de explicar no exemplo inicial, a aquisição hoje de uma madeleine (essa informação está certamente disponível no aplicativo após a abolição do dinheiro vivo) ativa para nós uma imagem da infância no celular, com a tia molhando nossas madeleines no chá (também essa informação estará disponível no futuro). Naturalmente, a recordação só deve aparecer se a madeleine embebida no chá entra em contato com o palato. Mas esse problema igualmente se resolverá tão logo a xícara de chá esteja conectada à internet das coisas.

Uma visão assustadora? Dizem que o homem se modifica com a sua técnica. Quem se irrita hoje com o fato de que o Facebook venha nos lembrar o dia do aniversário dos amigos? Quem hoje se oporia à evocação de um amigo quando lêssemos um texto de Rilke na internet, ou víssemos um filme uma vez “curtido” pelo mesmo amigo? Só uma coisa se sabe: o amigo sumido ficou mais de um dia em Duíno, com as elegias de Rilke na bagagem e, na cabeça, a ideia de que todo o “nosso estar-aqui”, este “efêmero” do aqui e agora cotidiano, procura proteger-se contra a atenção ignorante desses tempos, junto a nós, “os mais efêmeros”: *dentro* de nós.

Ataque nerd

Formações sociais geralmente indicam, já em seus próprios nomes, os respectivos soberanos: na sociedade feudal, o senhor do feudo, na capitalista, os que possuem o capital, na sociedade da informação, os profissionais da informática. Os poderosos de hoje não são os que sabem muito (o conceito de sociedade do saber foi, com razão, abolido), mas os que sabem como se acumulam, avaliam e transmitem as informações. Todos aqueles, portanto, que criam os algoritmos que no back-end⁴ da interface governam a internet e, com isso, cada vez mais determinam o próprio funcionamento da nossa sociedade.

Na linguagem informal, essas pessoas são com frequência chamadas pejorativamente de nerds: brilhantes em matemática, fascinados por literatura de ficção

⁴ Back-end é o painel administrativo em que se controla o site. Ele está articulado ao front-end, que é o site propriamente dito, a interface de interação com o usuário.

científica, histórias em quadrinhos e código-fonte, politicamente indefinidos, vestem-se com roupas estranhas, são socialmente incompetentes e, em casos extremos, colam as partes quebradas dos óculos com esparadrapo. Pelo menos esse é o clichê com o qual já brincava o filme *A vingança dos nerds*, de 1984, e que – apesar da descrição diferenciada no livro de Christian Stöcker, *Nerd Attack!*, de 2011 – ainda alimenta impiedosamente séries de TV bem-sucedidas, como *Big Bang Theory* e *Silicon Valley*.

Assim, como o biótopo social dos novos heróis de nosso tempo, o Vale do Silício é apenas um dos exemplos de como a vida dos nerds melhorou. O documentário *Triumph of the nerds*, sobre o desenvolvimento da indústria dos computadores, renunciava já em 1996 à restrição que ainda se incluía no livro original de 1992, *Impérios acidentais: como os meninos de Vale do Silício ganham milhões mas não arranjam namorada*. Vinte anos depois, o triunfo está completo: os nerds não apenas são os guardiões da chave do futuro e os milionários de amanhã, hoje eles também criam e prescrevem para si e para o mundo aplicativos de fitness, estabelecendo seus óculos de aro retrô como marca distintiva da cultura hipster e, segundo o título de um artigo de 2012, têm “The sexiest job of the 21st Century”.⁵

⁵ Thomas H. Davenport e D. J. Patil. “Data scientist: The sexiest job of the 21st Century”. *Harvard Business Review*, out. 2012.

O triunfo não veio, de forma alguma, da noite para o dia, e não começou só com o advento do computador. Ele remonta ao século 19, quando os nerds *avant la lettre*, os engenheiros, técnicos e demais inventores, disputavam com os poetas e artistas posições centrais na sociedade. Essa alternância de poder é atestada por construções e invenções como a Torre Eiffel, o telefone de Bell e a corrente alternada de Tesla. Até no campo das artes, quando a pintura se tornou técnica, através da fotografia, houve deslocamentos de poder. E, enquanto o início daquele século foi marcado pelo classicismo Goethe-Schiller, no final "eram debatidos "os fundamentos científicos da poesia".⁶

Quando não se podia mais negar o sucesso, ele começou a ser relativizado. O filósofo alemão Ernst Cassirer, no ensaio "Form und Technik" [Forma e técnica], de 1930, compara o inventor ao artista porque ambos criam algo a partir de si e, no final, com alívio e expectativa, legam ao mundo suas obras, carregadas durante longos anos dentro deles. Contudo, enquanto a obra do descobridor ou inventor a partir de então pertence inteiramente ao mundo e, nele, sob as leis do mundo das coisas, precisa falar por si mesma, a obra do artista permanece conectada a este e nunca pode ser entendida sem se considerar seu criador.

⁶ Wilhelm Bölsche. *Die naturwissenschaftlichen Grundlagen der Poesie. Prolegomena einer realistischen Ästhetik*. Leipzig, 1887.

O que à primeira vista parece uma equiparação revela-se, de fato, um rebaixamento, porque a independência é medida de modo inversamente proporcional à criatividade. O técnico, segundo Cassirer, não é criador, mas descobridor, ele descobre algo que já existia antes, mas que, não fosse por ele, permaneceria coberto. Por isso, a descoberta pertence ao mundo todo, independentemente da pessoa e da personalidade de seu inventor, ao contrário da criação do artista, que para sempre depende dele.

Mas será que os artistas não são também coadjuvantes na criação da história ajudando a trazer à luz o que está acontecendo – como antena da humanidade, como diria Ezra Pound? E, por outro lado, os inventores não se diferenciam dos descobridores, assim como suas respectivas obras se distinguem umas das outras? Nesse sentido, o telefone ou o mouse do computador podem ser patenteados, mas não a lei da gravidade ou o princípio de Arquimedes. Seja como for, a teoria defendida a seguir pressupõe uma conspiração que resulta de constante despeito.

Revanche

Os poetas, os aventureiros, os artistas da vida que recitam versos românticos contam histórias loucas, lançam mão de ditados inteligentes. Fazendo isso, sempre se saem bem e sempre conseguem escapar ilesos. Por exemplo, na piscina: eles se divertem, esquecem

a hora e chegam vinte minutos atrasados na saída,⁷ onde com certeza está sentada uma jovem que tem uma queda por olhos azuis e palavras sedutoras. É comum que os espertinhos consigam passar sem pagar nada extra pelo atraso, e ainda por cima com um encontro marcado para aquela mesma noite! Mas não os nerds. E não porque a jovem seja menos tolerante em relação a eles, mas porque eles são muito bem mais inibidos em relação a ela. Não sabem negociar, especialmente quando a questão da culpa é tão clara.

A nêmesis dos nerds é menos o esportista que o conquistador, o sedutor, o malandro, o maroto, o espertinho, o ardiloso, o matreiro. Lábria e encanto, malandragem, astúcia e manha: qualidades em que os nerds não investem. No mundo ideal dos nerds não há vantagem para olhos azuis e palavrório, jeitinhos, espaços entre isto e aquilo, um e zero. Nesse mundo, há pulseirinhas a serem escaneadas na saída. Quem chega tarde é multado pela máquina. Nesse mundo, o homem não fala com a mulher (que há muito tempo já foi demitida), a pulseira de controle fala com a cancela, e esta, sem ver a pessoa, também exige pagamento extra por dois minutos de atraso, cega como a justiça e teimosa como o algoritmo.

A forma de comunicação arquetípica dos nerds é a lógica da programação: claras diretivas *se...então* para

⁷ Nas piscinas públicas alemãs muitas vezes existe a opção de comprar um ingresso com duração de tempo limitada, estando sujeita a multa a pessoa que se atrasar e sair depois do horário estipulado.

a vida inteira, inclusive para a piscina. Isso é o que ocorre com a crescente computadorização das formas de interação humanas. O alvo é uma sociedade de controle na qual não mais se negocia, na qual com frequência não se permite nem um pedido de informação. Nessa sociedade, portas abrem e fecham quando os dados estão corretos ou não – o fato de que a porta às vezes continue fechada até quando temos certeza de que fizemos tudo certo não aponta necessariamente para um fracasso dos nerds; isso pode ser também parte da vingança deles. A sociedade digital é uma dupla vitória dos nerds: por um lado, se não existe mais comunicação para além da matemática, as armas dos seus adversários são desativadas; por outro, se tudo é programado, é natural que os programadores tenham vantagens – e caso eles próprios alguma vez fiquem tempo demais na água, se for necessário, podem hackear a saída grátis da piscina.

Os fora da lei

Hackear não é apenas a estratégia de paquera dos nerds, mas também seu modo criminoso de ser: de calote e assalto a banco à chantagem e sabotagem. A palavra mágica do futuro é ransomware ou malware,⁸ instrumentos com os quais se controlam sis-

⁸ Ransomware: software que restringe o acesso ao sistema, bloqueando-o, e cobra um resgate em criptomoedas; quem não pagar, perde os arquivos

temas computacionais alheios – em carros, empresas, hospitais, usinas nucleares –, destruindo-os, caso o resgate não seja pago. O nerd-gângster não precisa de nenhum pé de cabra ou pistola, e, se houver perseguições, elas se dão nas pistas da internet – com exceção de algumas aberrações da indústria cultural, como o filme de ação de Michael Mann, *Hacker*, de 2015, em que o hacker aparece como super-herói à la James Bond sem nunca ser visto como nerd, à la Clark Kent.

Os melhores nerds dentre os fora da lei são os ciber-guerrilheiros e Robin Hoods atuais, que liberam dados individualmente ou como release groups: filmes protegidos contra cópias, jogos e programas ou documentos secretos altamente explosivos. Os mártires desse “movimento”, Julian Assange e Edward Snowden, que pagaram com a própria liberdade, demonstram como essas ações libertárias podem se tornar políticas. Ao mesmo tempo, evidencia-se aqui a força detonante dos hackers, que de novo se tornou simbólica quando, na primavera de 2016, um anônimo, de pseudônimo John Doe, entregou ao *Süddeutsche Zeitung* os *Panama Papers* liberados: 11 milhões de arquivos sobre negócios escusos de diferentes empresas, políticos e milionários no Panamá. Um momento de glória dos nerds como Robin Hoods que

ou mesmo os tem publicados; malware: código ou software nocivo que se infiltra no sistema causando danos e permitindo o furto de informações.
[N. T.]

ajudam o quarto poder a proporcionar ao menos um pouco de satisfação aos pobres, enganados, humilhados e oprimidos deste mundo contra os ricos e poderosos. O protótipo ficcional desse Robin Hood de gabinete é Elliot Alderson, da série de TV *Mr. Robot*, de Sam Esmail; um nerd que não gosta nem de Steve Jobs nem de Mark Zuckerberg, um autista com consciência social, que de dia é programador em uma empresa de segurança de tecnologia da informação (TI) e de noite hackeia a rede de computadores de grandes empresas inescrupulosas.

Como um John Doe ou um Edward Snowden são bacanas em comparação a um Kobe Bryant ou a um Justin Bieber! Como é bacana quando um anônimo declara guerra ao Estado Islâmico! Como, ao contrário, é mesquinho falar de abuso de poder por parte dos nerds, se a exigência de transparência total é ditatorialmente imposta, sem paciência com os contra-argumentos.⁹ Ou será que não cheira mesmo a justiça com as próprias mãos quando os hackers atacam os servidores da Sony porque os advogados da empresa processaram a “lenda do desbloqueio”, George Hotz, porque, por sua vez, ele tinha hackeado o Play Station 3 da Sony? Não surge aí um espaço sem direito, no qual mais uma vez prevalece a lei dos mais fortes, só que agora a força – como competência de programação – não vem dos músculos, mas do cérebro?

⁹ Jaron Lanier. “The hazard of nerd supremacy: The case of WikiLeaks”. *The Atlantic*, 10 ago. 2011.

O abuso de poder parece quase inocente comparado à pretensão dos nerds de bancar os heróis de ambos os lados da barricada. Afinal, como startups ou empregados de TI, cimentam as bases do sistema que eles próprios destroem como hackers ou crackers. São “arquitetos, pedreiros e zeladores da ascendente sociedade digital”.¹⁰ Sua marcha triunfal é tão radical que até dentro do exército eles fazem carreira como “mosqueteiros”, porque a ciberguerra não significa mais atravessar a muralha de pedras, mas o firewall.

E qualquer colegial que saiba programar social bots,¹¹ que agora representam 20% das declarações do Twitter e têm grande futuro também em outras redes sociais, pode, inclusive, ser promovido a demagogo sem jamais ter feito um único discurso para o povo. A partir do momento em que o número mais alto vence o melhor argumento, os programadores vencem os intelectuais, porque então qualquer bot passa a ser um reforço argumentativo.¹²

¹⁰ Sascha Lobos. “Das Nerd-Dilemma”. *Spiegel-Online*, 10 abr. 2012. Disponível em: <www.spiegel.de/netzwelt/web/sascha-lobos-kolumne-zu-piratenpartei-und-internet-nerds-a-826515.html>.

¹¹ Social bot: agente que se comunica de forma mais ou menos autônoma nas redes sociais, muitas vezes com a tarefa de influenciar o curso da discussão e a opinião de seus leitores. [N. T.]

¹² Martin Fuchs. “Automatisierte Trolle: Warum Social Bots unsere Demokratie gefährden”. *Neue Züricher Zeitung*, 12 set. 2016. Disponível em: <www.nzz.ch/digital/automatisierte-trolle-warum-social-bots-unsere-demokratie-gefahrdet-ld.116166>. Fuchs escreve, entre outros temas, sobre Lennart V., um estudante de dezoito anos, residente em Amsterdam,

Em todo lugar na sociedade em que os nerds conquistam novo terreno, isso se dá, na maioria das vezes, através da lógica do computador, de forma que tudo o que eles tocam se torna um fenômeno de números – com perigosas consequências em longo prazo, como foi o caso do ouro para o rei Midas. Assim, a amizade é degradada até uma questão de likes; a comunicação, até a luta por popularidade; o autorreconhecimento, até *self knowledge through numbers* – como diz o slogan do movimento Quantified Self; a busca de parceiro, até a porcentagem de compatibilidade; e as aventuras eróticas, até um deslizar do polegar. E, se os nerds, antes fotofóbicos, têm o seu *coming out* como esportistas, então isso ocorre como hacks e reboots do próprio “sistema operacional”, como explicou o programador Bruce Perry, em 2012, no livro *Fitness für Geeks: Hacks, Apps und Wissenswertes rund um deine Gesundheit* [Fitness para geeks: hacks, apps e tudo o que vale a pena saber sobre a sua saúde]. Mas tem mais.

Há alguns anos a “tomada de poder dos nerds nas ciências humanas” tornou-se tema de medo ou de esperança, dependendo do lado em que se está.¹³ A palavra-chave é *digital humanities*; existe o medo de

que ganha dinheiro para programar chatbots na internet defendendo de forma incógnita e convincente determinadas posições políticas.

¹³ Reportagem de Thomas Thiels sobre o congresso anual em Hamburgo das *Digital Humanities*: “Meint der jüngste Aufschwung der Digital Humanities den Machtantritt des Nerds in den Geisteswissenschaften?”. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 24 jul. 2012.

que, nas ciências humanas, se reprima exatamente o que poderia preocupar os cientistas da computação: a imprecisão da operação hermenêutica. Se o narrar (o que mais seria a interpretação?) cede ao enumerar (elementos concretos em textos ou imagens), o pensar cede espaço ao descobrir: a expulsão do espírito das ciências humanas se realiza como virada quantitativa. Essa mudança se torna concreta quando, nos concursos para cátedras de teoria da literatura, são exigidas competências científicas nas interfaces entre filologia e informática. Lexicografia digital em lugar de constantes novas interpretações dos sempre mesmos poemas de Rilke. Impossível melhor tomada de poder.

Outra área da mudança de controle é o jornalismo, que já sofre com o sucesso dos nerds, porque os produtos deles lhe roubam publicidade e afugentam seu público. O editor mais poderoso do mundo não fez faculdade de jornalismo ou de ciência política, mas estudou computação e criou um site que alcança mais pessoas que os principais jornais de todos os países do G-8 juntos. Com o Facebook, Mark Zuckerberg construiu um império de rede que enjaula o jornalismo no formato “Facebook-News”, não apenas através de conceitos como o Instant Article.¹⁴ Ao mesmo tempo, Zuckerberg subordina a opinião pública à lógica

¹⁴ Instant Article: recurso do Facebook disponível para editores de notícias e conteúdo, implicando uma forma muito célere de visualização das páginas baixadas. [N. T.]

da programação, levando à proibição no Facebook de tudo o que viola o “bom tom” ou o “politicamente correto” tais como entendidos por Zuckerberg e seus algoritmos, incluindo fotos de mães amamentando com o seio à mostra.

A problemática desse deslocamento de poder se torna evidente de forma absurda quando a foto de um ícone do jornalismo engajado, Nick Ut, mostrando crianças vietnamitas fugindo durante o bombardeio de Napalm, tendo ao centro, nua, a menina de nove anos Kim Phúc, é banida do Facebook como pornografia infantil. Em momentos como esse a “velha” esfera pública se opôs, forçando Zuckerberg a desfazer o apagamento das fotos. Se consideramos, entretanto, a maneira autoritária e sem discussão com a qual o Facebook exerce seu poder de censura, não temos nada de muito bom a esperar para os próximos tempos, em que nenhuma notícia alcança mais seu público sem o Facebook, e em que o editor mais poderoso do mundo não precisa mais se deixar repreender pelo redator-chefe de nenhum jornal norueguês importante ou de qualquer outro jornal.¹⁵

Sabe-se que algoritmos não sabem ler nas entrelinhas nem distinguir nudez de pornografia. Contextualização demais sobrecarrega a lógica do *se...então*.

¹⁵ Para outras intervenções dos administradores do Facebook, ver: Johannes Boie: “Zensur in sozialen Medien. Wie Facebook Menschen zum Schweigen bringt”, *Süddeutsche Zeitung*, 22 ago. 2016. Depois do protesto público contra o corte das fotos da Guerra do Vietnã (feito por um funcionário), o Facebook voltou a permiti-las em sua plataforma.

O que nem todo mundo sabe é que o nascimento dos emoticons ocorreu exatamente pela incompetência de interpretação, não dos programas, mas dos programadores. Quando a escrita na internet ainda era apenas reservada aos nerds, de maneira equivocada, os comentários engraçados eram sempre levados a sério. Na comunicação oral, uma piscada de olhos talvez esclarecesse a situação, mas, na escrita, falta sensibilidade para os tons nas entrelinhas. Por isso, o doutorando do MIT e depois professor de informática Scott Elliott Fahlman escreveu, em 19 de setembro de 1982, no *Bulletin Board* da Carnegie Mellon University: “Proponho os seguintes sinais para descrever coisas engraçadas: :) Leia-se na vertical. Na verdade, talvez seja mais econômico marcar coisas que NÃO são engraçadas. Usa-se para isso :(”¹⁶

Esse foi o nascimento dos emoticons – uma consequência dos sinais ASCII –, que, como se pode ler na Wikipedia, “expressam atmosferas e estados emocionais na comunicação escrita”. O emoticon – *emot* remete à emoção, e *icon*, à imagem – é o indicador visual de ironia. A ironia da história reside no fato de que, em 2015, quando os emoticons há muito já tinham se desenvolvido, de caracteres alfanuméricos (ponto, vírgula, tracinho, parênteses) a pictogramas, um descendente emoji daqueles marcadores de piada

¹⁶ Ver: <<https://de.wikipedia.org/wiki/Emoticon>>. Texto original em inglês: “I propose that the following character sequence for joke markers: :) Read it sideways. Actually, it is probably more economical to mark things that are NOT jokes, given current trends. For this, use :-(”.

(o ícone “Smiley”) foi declarado “*palavra do ano*” em Oxford. Por trás da ironia fica, para ser levado a sério, o anúncio da vitória: o procedimento dos nerds, de indicar a ironia, em vez de deixá-la a cargo da habilidade de interpretação do parceiro comunicativo, se impôs ao redor do mundo.

A arte também não escapa dessa transição de interpretar e conceber para enumerar e mostrar: de um lado, porque os nerds, baseados em dados sobre o público, dizem aos curadores o que eles devem expor; de outro, porque eles próprios querem fabricar arte através de análises de dados. Assim, o Google tem seu próprio Data Arts Team, que classifica a visualização de dados (por exemplo, o movimento de aviões no espaço aéreo dos Estados Unidos) como arte. Outros artistas dos dados produzem quadros e esculturas com as informações de seus comportamentos durante o sono.¹⁷ Os resultados são interessantes criações visuais, cujo grau de fascinação sem dúvida é proporcional a seu tamanho e à riqueza de detalhes. Assim, a estatística é elevada à arte, que, por sua vez, se converte em ornamento. Dito de outro modo: a arte se torna aquilo que, no ensaio de Cassirer, caracterizava a técnica (revelação do oculto, descoberta em lugar de criação), complementada por formas atraentes de processamento visual. Não é de

¹⁷ Aaron Koblin. “Data visions: Think with Google”, abr. 2012. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/future-of-marketing/emerging-technology/data-visions/>>; Laurie Frick. “Data Artist”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DXtSXYIHjcg>>.

espantar que esse tipo de “arte” seja cada vez mais debatido em periódicos científicos.

Triunfo

Por outro lado: a técnica não se torna arte exatamente pelo fato de ela própria converter a arte em técnica? Essa mudança paradigmática na arte não é, na verdade, muito mais do que simplesmente descoberta, isto é, criação e transformação do que também significa a arte na sociedade do século 21?

Não por acaso, as primeiras palavras de Steve Jobs no documentário ficcional *Piratas da informática*, de 1999, não eram sobre descobrir, e sim sobre formar: “Estamos criando uma consciência completamente nova, como um artista ou um poeta”. Exatamente com essa ambição Jobs perguntou a John Sculley, quando o recrutou, ainda na Pepsi, para o posto de gerente da Apple, se ele gostaria de vender água doce para o resto da vida ou se queria mudar o mundo. Não foi exagero. Jobs realmente mudou o mundo, de fato criou uma consciência totalmente nova, e por isso fez jus, quando morreu, a ser cultuado como ícone.

Jobs era o “artista” na pele do nerd, que experimentou drogas, teve amizades e envolvimento amorosos com popstars, foi mais designer que engenheiro, ensinando ao mundo como se sentir Mac em vez de PC. Jobs é a negação de Bill Gates e também, claro, do gênio da programação e cofundador da Apple, Steve

Wozniak. Jobs libertou os nerds do seu trauma. Pregou-lhes a estética das fontes de letras e livrou os não nerds do medo da técnica. Ser *in* em computadores se tornou *cool* a partir de Jobs. Graças a ele, o computador se converteu em uma técnica a que poetas, aventureiros, artistas da vida e esportistas não podiam resistir – ainda mais quando ela passou a caber na palma da mão.

Com isso, a vida daqueles nerds que persistiam no próprio estereótipo também melhorou. Porque enquanto o mundo antes se dividia entre os que se sentavam diante do computador e os que jogavam futebol, hoje ele consiste nos que passam a vida no computador e nos que, além disso, entendem de computação. Que absurdo seria fazer piadas sobre eles. E não só porque precisamos deles para reiniciar nosso computador. Os nerds não são mais simplesmente os técnicos que instalam o Word para nós. Eles são aqueles que determinam nossa cultura e nos ditam regras. Chegaram ao ponto já imaginado em 2011 pela série de TV *Modern Family* (episódio “After the fire”), quando a inteligente Alex, cultuada entre os nerds da sua escola, diz para a irmã Haley, que, por sua vez, é mais atraente: “Você tem seus fãs, eu tenho os meus. Um dia os seus fãs vão trabalhar para os meus fãs”.

1984: ano fatídico

Alguns anos, antes mesmo de chegarem ao mundo, já carregam um peso cuja pressão vai aumentando constantemente de janeiro a dezembro. A primeira virada de milênio foi um desses casos em que se sucumbiu, mil anos depois de Cristo, ao clima de fim dos tempos. O alívio pela não chegada do Anticristo e do Juízo Final se expressa até hoje nas muitas igrejas construídas ao longo do interminável ano 1000. Outro exemplo da força simbólica do algarismo dos anos é 1984, que inspirou o escritor britânico George Orwell, em 1948, a dar o título *1984* a seu mais lúgubre romance sobre o futuro.

Dessa vez, o fim do alarme veio logo no começo do ano, no próprio dia de ano-novo, com um show televisivo da WNET TV em Nova York em conjunto com o Centro Pompidou em Paris, transmitido por satélite também na Alemanha e na Coreia do Sul e alcançando 10 milhões de pessoas ao redor do mundo. O show foi concebido por Nam June Paik, artista de

Seul, pai da videoarte, e se chamava *Good Morning, Mr. Orwell*. “O que vocês vão ver daqui a pouco”, assim anunciava bem-humorado o apresentador George Plimpton, “são formas de uso positivas e interativas de mídias eletrônicas, que Mr. Orwell, o primeiro profeta das mídias, nunca teria previsto. Esta é uma festa de Ano-Novo que só é possível pela televisão”.¹⁸

O tom de despreocupação se fez presente ao longo de todo o programa, que apresentou, ao lado de heróis das vanguardas, como Laurie Anderson, Peter Gabriel, John Cage, Allen Ginsberg, Merce Cunningham e Joseph Beuys, também a banda new wave Oingo Boingo, com a canção “Wake up (It’s 1984)”, e os seguintes versos:

Big Brother’s watching, we watch him back
We see right through his disguise
He tries to scare us, with angry words
But we all know that they’re lies.¹⁹

Apenas em um único momento do show o tom foi diferente. Quando a francesa Sapho cantou: “Big Brother is not watching you/Mais la télé nous mange la tête”.²⁰ Aqui se anunciava outro medo até então

¹⁸ Nam June Paik. *Good Morning, Mr. Orwell* (1984). Disponível em: <<https://youtu.be/SIQLhyDjJtI>, 5’45”- 6’20”>.

¹⁹ “O Big Brother está espiando, nós o espiamos de volta/ Enxergamos por sob seu disfarce,/ Ele tenta nos assustar com palavras de ira/ Mas todos sabemos que são de mentira.” [N. T.]

²⁰ Nam June Paik. Op. cit., 8’12” : “O Big Brother não está te espiando/ Mas a TV come a nossa cabeça”. [N. T.]

quase despercebido. Uma mudança que parecia necessária, ao menos na Alemanha: 1º de janeiro era também a data marcada para o início da televisão privada. Nessa perspectiva, não houve, nem em 1º de janeiro nem em 31 de dezembro de 1984, qualquer razão para o fim do alarme.

Big Brothers

“No dia 24 de janeiro a Apple Computer apresentará o Macintosh, e você vai ver por que 1984 não será como 1984”. Assim era a famosa propaganda para o Super Bowl que a Apple produziu em 22 de janeiro. Antes da exibição do texto, uma fila de homens armados surgia correndo atrás de uma mulher que carregava uma marreta. Quando a marreta destruía uma tela, na qual um homem discursava para um monte de pessoas apáticas, um assombro invadia a multidão e o espaço se inundava de luz. Em 1984 era natural aludir a 1984, romance escrito em 1948 por George Orwell sobre um estado totalitário, mesmo que então, na alvorada do neoliberalismo, não houvesse nenhum indício de que o que mais se temia pudesse de fato acontecer. O único grande irmão que havia em 1984 era, para os países do Leste Europeu, a União Soviética – e ela estava prestes a anunciar a glasnost e a perestroika.

Para a Apple, a imagem do inimigo não era de forma alguma a de um ditador, mas a de um concorren-

te econômico: a IBM, intimamente conhecida como Big Blue. O clip da propaganda fazia muito barulho por nada. Porque, de uma perspectiva política, até uma poderosa multinacional como a IBM não é nada comparada ao sistema autoritário – ao menos até que a Apple tivesse se tornado, ela própria, uma multinacional e criado a “iCulture”, com a qual basicamente determina a comunicação da sociedade: do efeito “lock-in”²¹ aos dispositivos de censura na App-Store. Mas, mesmo que em 1984 não houvesse nenhum patrulhamento de ideias contra o qual levantar a marreta, a retórica de liberação da Apple tinha um cerne racional: se capacidade computacional é poder, então o Computador Pessoal, que é tão acessível, equivale ao empoderamento dos indivíduos. Três décadas depois de 1984, quando só através de aplicativos entramos em contato com o processamento computacional, podemos perguntar: quão eficaz é o computador nas mãos de qualquer pessoa contra aquilo que era simbolizado por 1984?

Os prêmios Big Brother²² que a Apple desde então vem recebendo já demonstram que alguma coisa saiu errado: em 2011, pelas “duvidosas diretrizes de proteção de dados”; em 2013, pela “abrangente video-

²¹ Lock-in: situação em que o usuário se encontra “preso” porque o custo de mudar do fornecedor do produto é muito alto. [N. T.]

²² Os Prêmios Big Brother (Big Brother Awards) são distinções “negativas”, ou “antiprêmios”, atribuídas, em diversos países, a empresas, instituições e pessoas que agem invadindo a esfera privada da população e/ou manejando dados pessoais de forma perniciosa, vendendo-os ou usando-os contrariamente aos interesses originais dessa população.

vigilância de funcionários das Apple Stores na Alemanha”.²³ Mas, bom, receber distinções indesejadas como essas pode acontecer com qualquer um. Até a feira de arte Ars Electronica ganhou em 2001 o prêmio Big Brother austríaco pela “eufemização da biometria”. Nesse ponto, os dados de outros gigantes da internet se revelam igualmente numerosos: o Google, por exemplo, recebeu em 2012 o prêmio Big Brother austríaco, e em 2013, o alemão, pela “fome global de dados”.

Mais emocionante que ataques antitecnologia são as mútuas acusações de bigbrotherização por parte das grandes multinacionais. Isso ocorreu de forma indireta em outra propaganda para o Super Bowl, em 6 de fevereiro de 2011, em que a Motorola apresenta seu tablet Android XOOM contra o iPad da Apple. Dessa vez a promessa também é ambiciosa: “O tablet para criar um mundo melhor”.²⁴ Isso se anuncia depois de um filme que de novo mostra muitas pessoas de rostos inexpressivos, em fila, agora trajando, em vez de cinza, um branco reluzente, todas conectadas por fios a seus respectivos iPods. Apenas um homem está vestido de cinza e lê *1984* no seu tablet. Depois, no trabalho, ele cria no próprio tablet a animação de um buquê de flores para uma mulher, vestida de branco reluzente, cujo olhar assombrado para o novo aparelho mais uma vez remete à propaganda anterior da Macintosh.

²³ Ver: <https://de.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_Awards>.

²⁴ Ver: <<https://youtu.be/FgOX9mb7V4o>>.

O filme só funciona se reconhecemos suas referências e se é lido ironicamente, porque, se lido de forma séria, a promessa de um mundo melhor oferecida pelo tablet só se poderia entender em relação à promessa da Apple de evitar 1984. Por que *mundo melhor* e por que poder para as pessoas (o título do filme é “Empower the People”)? A piada reside exatamente no fato de que não há resposta para isso, mas apenas uma história de amor kitsch entre uma pessoa vestida de branco e outra vestida de cinza. A Motorola desmascara com autocrítica a seriedade do *páthos* da propaganda da Apple, no fundo, dizendo: a Apple declarou uma vez que queria salvar o mundo, mas na verdade só quer mesmo vender seus produtos; nós também não queremos outra coisa, mas, ao contrário da Apple, admitimos isso abertamente.

O que em 2011 a Motorola empreendeu sem sucesso contra o monopólio da Apple no mercado dos tablets o Google tentou com seu sistema Android no campo dos smartphones. Quando por isso entrou em rota de colisão com a Apple, o Google justificou a ofensiva em sua conferência de desenvolvimento de 2010, citando a necessidade de evitar um futuro draconiano, em que a única escolha seria um homem, uma empresa, um aparelho – e mostrou uma imagem em que, abaixo da frase “Não é o futuro que queremos”, aparecia o número 1984. A retórica remetia sutilmente ao vídeo da Apple, no qual o Big Brother gritava da tela: “Somos um só povo. Com uma vontade. Um propósito. Uma causa”. Essa retórica combina

bem com a autopromoção do Google como amigo do movimento Open Source, que é a melhor alternativa ao sistema fechado da Apple. Mas o Google, assim como a Apple, mira o efeito lock-in do monopolista, e não só, desde que, em 2016, fechou para o exterior seu sistema Android baseado no Linux. O Google é, exatamente como a Apple, movido pelo mesmo desejo anunciado pelo Big Brother no vídeo da Apple: “Nós vamos triunfar!”.

Além disso, quando se trata de vigilância, não se pode falar nada de muito bom sobre uma empresa que se vangloria de que nada do que ocorre na internet lhe passa despercebido. Essa promessa se encontra evidentemente na própria natureza do produto com o qual *google* se tornou um verbo. Porque esperamos de uma máquina de busca que ela encontre tudo o que pedimos. Mas de certo modo soa ameaçador quando o ex-diretor-geral, Eric Schmidt, declara orgulhoso, em 2010: “Nós sabemos quem você é. Sabemos quem você era. Podemos mais ou menos saber o que você está pensando agora”.²⁵ E soa ameaçador também por outra razão, porque essa onisciência não se limita ao Google. Tem o e-mail do Google que é lido secretamente pelo algoritmo do Google, tem também o Google Cloud-Service, com o qual

²⁵ Entrevista com James Bennet (*e-Atlantic*). In: Second Annual Washington Ideas Forum, 1º out. 2010. Disponível em: <www.theatlantic.com/technology/archive/2010/10/googles-ceo-the-laws-are-written-by-lobbyists/63908>: “We know where you are. We know where you’ve been. We can more or less know what you’re thinking about”.

os dados que até agora estão no computador pessoal migram para o servidor central (um superpresente para o serviço secreto, para os hackers e qualquer outro futuro regime Big Brother) e tem o Google Glass (se ainda for o caso), com o qual até o próprio olhar pode ser observado.

A dose extra de ironia encontra-se no fato de que Paul Buchheit, funcionário do Google a quem a empresa deve o slogan não oficial “Não seja mau”, não é, ele próprio, nenhum exemplo de bondade, primeiro ao inventar o Gmail, e depois, em 2007, ao fundar sua própria startup com o FriendFeed, um serviço de rede social que permite acompanhar as atividades dos amigos na internet, o que eles postam, quais músicas escutam etc. Quando, em 2009, o FriendFeed foi vendido para o Facebook por 50 milhões de dólares, ele alcançou o posto de mais jovem Big Brother da internet, assegurando que mais ou menos toda a nossa vida esteja exposta à observação.

Para completar: o Facebook recebe o prêmio Big Brother alemão em 2011 pela “investigação de pessoas e suas relações privadas”, o prêmio austríaco de 2014 pelos “experimentos psíquicos com seus membros”, e o de 2015 pela “patente que permite a pontuação de crédito sobre os amigos do usuário”. O fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, nem ao menos entende o alvoroço sobre proteção de dados e autodeterminação informacional: quem não tem nada a esconder não tem nada a temer. Segundo essa lógica Big Brother, ele recebeu merecidamente, no prêmio Big

Brother austríaco de 2011, o Prêmio Especial pela “importunação ao longo da vida”.

Dupla negação

Mil novecentos e oitenta e quatro não aconteceu e não vai acontecer nunca, da mesma forma que 1985 tal como descrito em 1978 por Anthony Burgess no romance *1985*: um regime totalitário dos sindicatos que aterrorizam o país com greves e condenam aqueles que as furam. Depois da virada neoliberal e da Guerra Fria, o modelo do futuro se deslocou para alguns anos antes de Orwell: para o *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, de 1932: uma distopia das mais refinadas que surgiu sob o impacto dos anos dourados da década de 1920 e do condicionamento comportamental pavloviano, e que em 1985 foi declarada, sob o impacto da cultura televisiva, como o modelo mais promissor para o futuro, no ensaio de Neil Postman, “Amusing ourselves to death” [Diver-tindo-nos até a morte]. Ao contrário de Orwell, Huxley esboça uma ditadura sem miséria, uma distopia que, por causa de tanto hedonismo, nem ao menos chega a ser reconhecida como tal por suas “vítimas”.

A “telinha” exerce um papel central também no *1985* de Burgess, em que a debiloide filha adolescente do herói rebelde só tem três coisas na cabeça: comer, ver televisão e se masturbar. No entanto, Burgess ainda deve totalmente a Orwell sua descrição da

doutrinação ideológica através de distorções históricas e de uma linguagem degradada, depois chamada de “worker’s English” [inglês dos trabalhadores]. O ensaio de Postman, ao contrário, mostra em 1985 por que o futuro não será como *1985* ou *1984*, mas como a promessa diabólica de permanente liberação esboçada por Huxley. O que é provocado, em Huxley, pela hilariante droga Soma, em Postman é desencadeado pela televisão: a aniquilação da vontade de pensar criticamente. Sapho tinha razão em *Good Morning, Mr. Orwell*, de Paik: o Big Brother não precisa vigiar você, já basta que a televisão devore seu cérebro.

“Public discourse in the age of show business” [Discurso público na era do show business] – o subtítulo do ensaio de Postman – não é manipulado pela indústria da consciência, que planta no sujeito determinados pensamentos, como em *Laranja mecânica*, romance de Burgess. A televisão é muito mais uma mídia zero que só quer que as pessoas se divirtam. A domesticação política ocorre através da idiotização, como Adorno antes escreveu: “A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação”. Trata-se de estar ocupado sem “pensar idiotices”. Essa negação da negação torna-se radical quando se liberta da televisão no aconchego do lar. Os alicerces dessa ideia despontam no ano de 1984: quando o Macintosh da Apple e o Facebook de Zuckerberg veem os primeiros raios de sol.

“Jamais confie num computador que você não pode transportar”. Assim Steve Jobs anunciou o Macintosh. Desde então, os aparelhos se tornaram cada vez menores. Hoje os seguramos com desenvoltura em nossas mãos, e os polegares perambulam pelas distrações deste mundo. A nova Soma se chama FOMO (*fear of missing out*, ou “medo de perder”), e ela garante que não pensemos em mais nada diante de situações comunicacionais puras. Graças ao iPhone da Apple, a televisão está agora sempre conosco, e graças ao Facebook de Zuckerberg, ela tem sempre alguma coisa fascinante para oferecer.

Os Big Brothers adoram aparelhos pequenos. Sobretudo se são onipresentes. Se até a poeira está cheia de software, e se todas as coisas se comunicam umas com as outras, nenhum domínio da vida deixará de se transformar em dado, isto é, de ser analisável e controlável. O controle vai se disfarçar de amor e apoio, assim como no verão de 2015 a Microsoft tentou apresentar seu novo sistema operacional, o Windows 10, como aquele que vai querer saber absolutamente tudo o que se faz no computador e na internet, para, por assim dizer, melhor proteger seus usuários contra cybercrimes. Jogada arriscada, precipitada, depois de Snowden, mas que tinha tudo para dar certo, porque desde 11 de Setembro o grande negócio da “segurança versus transparência” tem ido de vento em popa.

O admirável mundo novo não vai se sustentar sem vigilância, mas ela acontecerá a favor de nossos interesses e será por nós instalada. Enquanto nos divertirmos despreocupadamente com Facebook, WhatsApp, Snapchat, Instagram, ou com o que quer que seja, não há nada a temer. A tão lamentada idiotização provocada por essas mídias não é um efeito colateral indesejado. Ela também é um elemento importante na pálida distopia de Huxley, em que se retira oxigênio dos embriões dos “Epsilons” (a casta que exerce tarefas subordinadas) para que eles se tornem intelectualmente limitados. O século 21 não chega a operar assim tão drasticamente, nem mesmo na Coreia do Norte. Em vez de privação de oxigênio, há excesso de informação, cuja permanência é assegurada pelos smartphones. Um antfilme ainda mais mordaz contra o *1984* da Apple daria iPhones aos homens, como armas que eles imporiam com insistência à mulher que caçassem. A mulher teria as feições de Steve Jobs – que, como poucos sabem e muitos nem imaginam, matinha seus próprios filhos bem longe dos iPhones: porque os piores são aqueles que na rua pregam o vinho e em casa bebem água.²⁶

²⁶ Nick Bilton. “Steve Jobs was a low-tech parent”. *The New York Times*, 10 set. 2014.

ROBERTO SIMANOWSKI é doutor em estudos literários pela Universität Jena, e em estudos de mídia pela Universität Siegen. Foi pesquisador visitante em diversas instituições, entre elas a Universidade Harvard e a City University of Hong Kong. Fundou e foi redator-chefe da revista de cultura e estética digital *dichtung-digital.org* (1999-2014), e é autor de diversos livros sobre política e cultura digital. Suas publicações recentes em inglês incluem: *Reading Moving Letters: Digital Literature in Research and Teaching* (Transcript, 2010); *Digital Art and Meaning: Reading Kinetic Poetry, Text Machines, Mapping Art, and Interactive Installations* (University of Minnesota Press, 2011); *Data Love: The Seduction and Betrayal of Digital Technologies* (Columbia University Press, 2016); *Facebook Society: Losing Ourselves in Sharing Ourselves* (Columbia University Press, 2016); *Digital Humanities and Digital Media: Conversations on Politics, Culture, Aesthetics and Literacy* (Open Humanities Press, 2016), *The Death Algorithm and Other Digital Dilemmas* (MIT Press 2018, vencedor do prêmio CHOICE para Outstanding Academic Titles, 2019); e *Waste: A New Media Primer* (MIT Press 2018). Atualmente Simanowski é Distinguished Fellow of Global Literary Studies am Excellence-Cluster “Temporal Communities” na Freie Universität Berlin. Seu livro *Todesalgorithmus: Das Dilemma der künstlichen Intelligenz* (Passagen, 2020) recebeu o Prêmio Tractatus de melhor ensaio filosófico em alemão em 2020.